

# humanitas

Vol. II

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLUME II



COIMBRA  
MCMXLVIII-MCMXLIX

## Epifânio Dias e Júlio Moreira, editores e comentadores de textos latinos

«Novos livros didáticos apareceram ao público português. O ensino do grego e do latim melhorou nas suas bases científicas, na iluminação dos seus problemas e nas próprias condições técnicas da sua didáctica.»

F. Costa Marques, *Humanitas*, vol. i, pág. 156.

*Augusto Epifânio da Silva Dias* (1841-1916) e *Júlio Gonçalves Moreira* (1854-1911), mais simplesmente conhecidos por *Epifânio Dias* (ou só *Epifânio*) e *Júlio Moreira* — eis dois notabilísimos professores e humanistas que, pelos serviços prestados ao Ensino Secundário e à Cultura, não podem ser esquecidos e e' necessário mostrar às novas gerações.

### I

A Epifânio ainda tivemos o prazer de conhecer, quando frequentávamos o Curso Superior de Letras, onde ele regia o curso facultativo de Grego. A última vez que o vimos foi na geral do Coliseu dos Recreios, no ano de 1914, em noite em que foi cantado o *Tannhäuser* de Wagner por companhia a cujo elenco pertenciam os célebres cantores Francisco Viñas, espanhol, e Maria Júdice, nossa compatriota.

Muito magro, muito trémulo, segurava com a mão direita o braço esquerdo, para conseguir ler o libreto da ópera e dessa forma poder acompanhar o que em cena se representava e cantava. Torturava-o a doença «de Parkinson», a que se referiu o Dr. José Leite de Vasconcelos na *Oratio de Sapientia*

— *Epifânio Dias — Sua Vida e Labor Científico*, pronun-

ciada na sessão da abertura solene da Universidade de Lisboa, em 10 de Dezembro de 1921, e publicada no ano seguinte (1).

A vida profissional de Epifânio começou em 1864, ano em que foi nomeado professor de Português no Liceu de Santarém, onde exerceu o ensino durante três anos. De 1867 a 1881, pertenceu ao corpo docente do Liceu do Porto; e de 1881 a 1896, ao de Lisboa, donde transitou para o Curso Superior de Letras como professor de Grego, que ali ensinou até a sua jubilação em 1913.

Enumerando, metódica e cronologicamente, as principais obras que publicou desde 1870 a 1910, melhor se compreenderá a sua fecunda actividade de mestre, bem como os serviços que prestou ao ensino e à cultura nacional. Eis os mais notáveis trabalhos do famoso latinista, helenista e romanista:

1870 — GRAMÁTICA PRÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA, *para uso dos alunos do primeiro ano do curso dos liceus*. Porto.

Dedicada a Antonio da Silva Túlio, seu professor no Curso Superior de Letras. Prólogo datado de Setembro.

(1)É ñas págs. 14 e 15 desse opúsculo que Leite de Vasconcelos nos dá conta da crueldade com que o destino castigou os últimos três anos da vida do famoso professor. «O doloroso estado — afirma o ilustre biógrafo — durou quase três anos, três horríveis anos; e só um estóico, da tempera do Sr. Epifânio, conseguiria suportá-lo, sem quase um franzimento de rosto, ou leve gemido.»

Mal diria Leite de Vasconcelos que, menos de vinte anos depois, a igual estoicismo lhe seria necessário recorrer para ordenar os trabalhos que desejava concluir e publicar antes de deixar o mundo! Faleceu no dia 17 de Maio de 1941. Tínhamo-lo visitado cerca de dois meses antes, na sua casa da Rua de D. Carlos Mascarenhas, em Campolide. Completamente cego, só nos conheceu pela voz. Estava deitado na cama em que de tarde costumava descansar, situada no segundo piso da casa, no meio de verdadeira babilónia de livros e folhetos. Levantou-se e veio ao nosso encontro. Feitos os cumprimentos e trocadas algumas palavras referentes à maneira como então trabalhava — que era servindo-se do auxílio de antigos alunos—, logo nos conduziu a um pequeno compartimento, cercado, como todos os outros, de estantes atulhadas de volumes; e, perguntando-nos quando lhe mandaríamos o resto da *Monografia da Gafanha*, do

1871 — CARTAS DO P.<sup>o</sup> ANTÔNIO VIEIRA [as 25 primeiras], *que, segundo o programa oficial, devem servir de texto para os exames de composição latina nas aulas de Latinidade dos Liceus Nacionais*. Porto.

— TRECHOS DE TITO LÍVIO, *que, segundo o último programa oficial, se devem traducir nas aulas de Latinidade dos Liceus Nacionais*. Porto. [Dos livros xxv, xxvi, xxviii, xxx, xxxv, xxxix e xli.]

Não tem prefácio nem quaisquer notas; mas, no final, há um *N. B.*, que diz: — «Reproduzimos o texto dado por Weissenborn na Bibliotheca Teubneriana, etc. ... No livro xli, reproduzimos da edição de Tauchnitz os suplementos de Freinsheim, imprimindo-os em tipo menor.» [Pág. 151.]

— EXCERTOS DE FEDRO, CORNÉLIO E CÍCERO, *que, segundo o último programa oficial, devem ser traduzidos nas aulas de Gramática Latina dos Liceus Nacionais, anotados*. Porto. [De págs. 5 a 18, doze fábulas — 3 do 1. i, 2 do 1. ii, 3 do 1. iii, 2 do 1. iv e 3 do 1. v, e em «apêndice», de págs. 63 a 65, mais 1 fábula do 1. 1, 3 do 1. in e 2 do 1. iv; de págs. 19 a 47, as biografias de *Dion, Chabrias, Timotheus, Datames, M. Porcius Cato*; de págs. 49 a 62, cartas de Cicero — 3 do 1. π e 6 do 1. iii.]

Este volume é precedido da seguinte «advertência»: — «Resolvemos juntar algumas notas a esta publicação, mas a estreiteza do tempo apenas permitiu que anotássemos as fábulas e as biografias, e ainda assim mais de corrida do que desejavamos. Atento o destino da publicação, cumpria que as observações fossem, sobretudo, gramaticais; e, tendo no prelo a tradução de uma

P.e João Vieira Resende, sacou da estante as folhas dessa obra que, a seu pedido, lhe enviáramos, à medida que iam sendo publicadas num jornal de ílhavo.

Saudoso mestre e amigo! Já não tivemos o prazer de lhe dar satisfação a esse último desejo!

primorosa gramática latina para uso das escolas, que em Novembro próximo verá a luz pública, entendemos que andaríamos acertadamente, se, poupando extensas anotações, remetêssemos os estudantes amiudadas vezes para essa obra, que designamos com a letra *M*. — Agora, cumpre-nos declarar que a maior parte das observações que acompanham os excertos de Cornelio Nepos reproduzem as notas que à sua edição do biógrafo romano, feita para uso das escolas, juntou o ilustre J. Heinrich Bremi.» [Pág. 3.] (1)

- 1872 — GRAMÁTICA LATINA *para uso das escolas, por J. N. Madvig, professor da Universidade de Copenhague, trasladada do alemão para português.* Porto.

Dedicada «à memória de José Luís Goarmon, douto e inteligente professor de Latim do Liceu Nacional de Santarém». Prefácio datado de 24 de Agosto.

— EUTROPII BREVIARIUM HISTORIAE ROMANAE, *para uso das escolas, anotado.* Porto. [4.<sup>a</sup> ed., 1884; 5.<sup>a</sup>, 1888; 6.<sup>a</sup>, 1889.]

- 1873 — O Latim do Sr. Alves DE Sousa, *examinado ñas suas três obras: Gramática Elementar da Língua Latina, Curso de Temas Graduados, Resposta a Um Crítico.* Porto (2).

- 1875 — GRAMÁTICA FRANCESA *para uso das escolas, por J. E. von Hafe e A. Epifânio da Silva Dias.* Porto. [9.<sup>a</sup> ed. sem data, mas anterior a 1900.]

(1) À palavra *apêndice*, a que atrás se faz referencia, há esta nota.

— «A Junta Consultiva de Instrução Pública ainda não aprendeu a indicar com precisão quais as fábulas de Fedro que têm de ser traduzidas nas aulas de Latim. É muito provável que o programa tenha em vista uma edição de Fedro feita em Lisboa, que mais vulgarmente corre em Portugal...» [Pág. 61.]

(2) Este opúsculo é réplica à última das tres obras de Alves de Sousa, publicada em Coimbra em 1873.

Dedicada a «Luís Antonio Pinto de Aguiar, distinto professor do Liceu Nacional do Porto».

Prefácio datado de Maio, no qual se declara que as duas primeiras partes pertencem a von Hafe e a Sintaxe a Epifânio, e se afirma que «serviu de base para a Morfologia a *Schulgrammatik der fran<sup>o</sup>si- sehen Sprache* de Plötz e para a Sintaxe a *Nouvelle Grammaire française basée sur le latin*, para uso dos Alemães, do mesmo autor».

6 — Gramática Portuguesa Elementar. Porto. [3.<sup>a</sup> ed., 1879; 4.<sup>a</sup> ed., 1881 ; 7.<sup>a</sup>, 1888.] Prefácio datado de Fevereiro.

9 — Gramática Latina DE J. N. Madvig, *reducida a epítome*. Lisboa. No prefácio, datado de Outubro, diz Epifânio que, tendo-lhe varios professores significado por várias vezes «que a Gramática Latina de Madvig, se mais compendiosa, encontraria seguramente muito maior aceitação nas aulas do nosso país», resolvera «reduzir agora a epítome o livro do ilustre filólogo dinamarquês». E continua: «No resumo que presentemente vê a luz pública, encontrarão os estudantes todas as doutrinas indispensáveis para o conhecimento geral da língua latina no período clássico, devendo aqueles que desejarem notícias mais particulares recorrer à obra inteira por nós traduzida. — Conquanto as doutrinas de gramática geral seguidas nos livros escolares de ale'm-Reno divirjam em vários respeitos das que em regra se professam em Portugal desde a publicação da pseudo-Gramática Filosófica de Jerónimo Soares Barbosa, entendemos que não havia mister expô-las neste epítome, visto que a nova *Gramática Portuguesa para Uso das Aulas de Instrução Primária*, que vai agora entrar no prelo em terceira edição, as tornou suficientemente conhecidas. — E, pois que este novo trabalho é mais um serviço prestado à causa, que temos tanto a peito, da reforma do ensino das línguas clássicas no nosso país, pareceu-nos ser de

justiça deixar aqui memorados em particular, entre outros, os nomes de três professores que nos têm coadjuvado poderosamente neste nosso empenho, os dois primeiros pregoando, onde quer que o ensejo se lhes oferece, a excelência da Gramática por nós trasladada a português, o terceiro tirando a lume também, para uso das escolas, o 1.º livro das campanhas de César, enriquecido de óptimas anotações, com referências constantes à Gramática de Madvig. São eles o Sr. Manuel José Pereira Louro, professor de Latim no Real Colégio Militar, e seu sucessor, o Rev.º Cônego Tomás de Almeida Baltasar, e o Sr. Júlio Gonçalves Moreira, que no Porto se dedica ao magistério particular.»

Este *Epítome* foi reeditado pelo prof. Nicolau Firmino em 1942.

881 — Sulpicii Severi Chronica, com anotações para uso das escolas. Porto.

Com ((notícia bibliográfica) datada de 24 de Janeiro.

883 — Phaedrus, para uso das escolas, anotado. Lisboa. [2.ª ed., 1886; 3.ª ed., 1889.]

Reeditado em 1942 pelo prof. Nicolau Firmino.

887 — Trechos para Versões de Português para Latim. A *advertencia*, datada de 21 de Julho, diz o seguinte: «Os trechos contidos neste opúsculo são todos traduzidos de lugares de escritores latinos. — Nas notas damos a forma latina dos nomes próprios de pessoas e dos nomes próprios geográficos, excepto quando os nomes latinos, sendo da 1.ª declinação (latina) ou parissílabos da 3.ª, se escrevem no nominativo do singular da mesma maneira que em português, e quando, sendo da 2.ª declinação, se escrevem no nominativo do singular como em português, só com a diferença de terminarem em latim em *us* e em português em *o*.»

888 — Cartas Selectas de Cícero, anotadas para uso das escolas. Porto. Volume dedicado «ao Excelentíssimo

Senhor Conselheiro António José Viale», de quem o organizador se diz «antigo discípulo e amigo».

Introdução datada de Lisboa em Julho.

1889 — Exercícios Latinos de Morfologia e Sintaxe. Lisboa. [3.<sup>a</sup> ed.; 4.<sup>a</sup>, 1896.]

Obra reeditada pelo prof. Nicolau Firmino em 1943.

1891—Exercícios Gregos. Porto.

Obra reeditada em 1945, com modificações, por Antonio Pinto de Carvalho, professor contratado da Faculdade de Letras de Lisboa.

1893 — Obras de Cristóvão Falcão, *edição crítica, anotada*. Porto. Dedicadas «ao Humanista e Romantista consumado, ornamento da Universidade de Nápoles, ao Sr. Francesco D'Ovidio, em testemunho de consideração, amizade e reconhecimento».

Introdução, e no final três excursos, o primeiro sobre *metrificação portuguesa*, o segundo sobre *ortografia antiga*, o terceiro sobre *os erros que desfiguraram as edições das obras de Cristóvão Falcão*.

1894 — Considerações sobre a Ultima Proposta de Lei de Instrução Secundária. Lisboa.

Opúsculo datado de 21 de Dezembro de 1895 [sic].

1895 — Cornelius Nepos, *anotado para uso das escolas*. Lisboa.

1897 — Considerações sobre o Regulamento e os Programas do Ensino Secundário *e o modo como os têm executado*. Lisboa.

Volumen datado de Julho.

1905 — Esmeraldo de Situ Orbis, *de Duarte Pacheco Pereira. Edição crítica, anotada*. Lisboa.

Introdução datada de Março de 1903.

Tem no final um registo filológico e um índice dos nomes próprios geográficos e de pessoas.

1910 — Os LUSÍADAS DE LUÍS DE CAMÕES, *comentados*. Dois tomos. Porto.

Dedicados à memória do Dr. Eduardo Alves de Sá, com nota explicativa datada de 30 de Dezembro de 1908.

Introdução, siglas, designações abreviadas, listas das obras consultadas.

No final, índice dos nomes próprios e notabilíssimo registo filológico.

1918 — SINTAXE HISTÓRICA PORTUGUESA Lisboa. [Obra póstuma.]

Trabalho dedicado «ao Ex.<sup>m</sup> Sr. Dr. José Leite de Vasconcelos, em testemunho de amizade e subida consideração».

Lista de designações abreviadas. No final, «declaração do editor», datada de 30 de Novembro de 1917.

Desta obra saiu em 1933 a 2.<sup>a</sup> edição, com declaração final do Dr. Rodrigo de Sá Nogueira, que elaborou um índice analítico (págs. 343 a 369, finais).

\*

\* \* \*

Antes de tratarmos da acção de Epifânio na organização de textos latinos para uso dos alunos dos liceus, convém nos demorem na exposição dos seus pontos de vista acerca do problema do Ensino Secundário nacional, que directamente se lhe ligam. Referir-nos-emos, portanto, às *Gramática Prática da Língua Portuguesa* (1870) e *Gramática Portuguesa Elementar* (1876); ao prefácio da *Gramática Latina* de Madvig (1872); ao opúsculo de réplica a «Resposta a Um Crítico», de Alves de Sousa (1873); e aos dois opúsculos de «Considerações» (1894, 1897), nos quais duramente atacou a reforma do Ensino Secundário, promulgada pelo Decreto de 27 de Dezembro de 1894, que o Decreto de 14 de Agosto de 1896 regulamentou.

As *Gramáticas de Português* trouxeram muitas novidades e deram nova orientação ao ensino da Língua. Epifânio segue

o exemplo de Adolfo Coelho, a quem, apesar da antipatia que por ele tinha, não deixou de atribuir «a glória de haver tornado a glótica do domínio público em Portugal» (1): lança a sua atenção para a ciência filológica alemã e estuda-a devotadamente (2).

O prólogo da *Gramática Prática*, que ocupa três páginas, começa assim: «Descobrir as leis, segundo as quais se operaram as modificações que fizeram surgir o organismo de uma língua de um organismo anterior e investigar a natureza dessas leis — tal é o objecto da gramática científica de uma língua. — Subir, pela comparação das gramáticas científicas das línguas, às leis supremas que presidem à fixação e manifestação do pensamento pela palavra e iluminar essas leis com a luz da psicologia — é o alvo da gramática geral. — Coligir as regras que em dado período se observam no emprego de uma língua — é o fim modestíssimo da arte chamada gramática prática.»

No prefácio da 1.<sup>a</sup> edição da *Gramática Portuguesa Elementar* (então designada *Gram. Port. para Uso das Aulas de Instrução Primária*) e assim também nas edições 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup>, lê-se o seguinte:

«Havendo nós posto em linguagem e tirado a lume a Gramática Latina do sábio dinamarquês Madvig e tendo, pouco há, conjuntamente com o Sr. J. Eduardo von Hafe, ordenado e publicado uma gramática francesa que se baseia nos trabalhos do alemão Plötz, necessário era haver uma gramática portuguesa elementar que, nas doutrinas gerais, se conformasse com aquelas obras. A este fim principalmente redigimos o livrinho que ora damos à estampa. — Sem dúvida que esta nossa gramática elementar, na qual bastantes doutrinas aparecem pela primeira vez em língua portuguesa, compreende muito mais do

(1) *Considerações sobre o Regulamento e os Programas do Ensino Secundário*, pág. 59.

(2) Afirma o Dr. Leite de Vasconcelos que, dois ou três anos antes de Adolfo Coelho publicar *Língua Portuguesa* (1868), já Epifânio conhecia Bopp, Schleicher, etc., e deles tirava ensinamentos (*Oratio de Sapientia*, pág. 24).

que o programa dos exames de admissão aos liceus exige. Mas, segundo já dissemos em outro lugar, são os livros, em nosso entender, os que devem ser norte aos programas oficiais, que não o contrário. Por isso tocámos, embora basta vez mui de leve, todas as doutrinas que, em nossa opinião, deveriam ser exigidas nos exames de instrução primária. Por outro lado, há certos factos gramaticais de cujo conhecimento não devem por modo algum ficar privados aqueles que não passam da escola primária, e o nosso intento é que o livro aproveite ao maior número e não seja exclusivamente para os que se propõem frequentar as aulas de instrução secundária. — O mais que neste lugar pudéramos dizer guardamo-lo para o prólogo da segunda edição, inteiramente refundida, da nossa *Gramática Prática da Língua Portuguesa* para uso dos alunos do curso de Português dos liceus, na qual, seguindo exactamente o risco do presente livrinho, desenvolveremos os pontos que vão agora tratados sumariamente.» (1)

Foi enorme a influência deste trabalho de Epifânio. De futuro, sempre os gramáticos seguiram, mais ou menos, as suas doutrinas e a sua orientação.

Com a tradução da *Gramática Latina* de Madvig (Agosto de 1872), pretendeu Epifânio revolucionar o ensino do latim, e conseguiu-o. No prefácio respectivo, depois de criticar implacavelmente a *Gramática Elementar da Língua Latina* de Alves de Sousa, escreveu: «Estimulados por vivo desejo de que o estudo da gramática latina saia do estado vergonhoso em que se acha no nosso país, e reconhecendo a necessidade de que a obra a esse fim publicada pertença a um nome cuja autoridade, reconhecida por todos os juizes competentes, force ao respeito, empreendemos a tradução da Gramática de Madvig, a qual, entre as obras escritas em alemão para uso das escolas, é, porventura, a que reúne em maior número as qualidades requeridas em um livro desta ordem.»

Ao ataque que directamente lhe era feito respondeu Alves de Sousa com o opúsculo intitulado *Resposta a Um Crítico*,

(1) A refundição, aqui anunciada, nunca se chegou a fazer.

que, dado o seu carácter polemístico, não podia deixar de provocar uma réplica, e azeda, como era próprio da índole de Epifânio Dias. No mesmo ano, portanto, em Dezembro, apareceu o opúsculo de Epifânio — *O Latim?n do Sr. Alpes de Sousa*, em que venenosamente analisa a *Gramática Elementar da Língua Latina*, o *Curso de Temas Graduados* e a citada *Resposta a Um Crítico*, daquele professor.

Não nos interessam os termos do ataque, por vezes ditados pela paixão: interessa-nos\* sim, mostrar ao leitor certas afirmações do replicante, pertencentes ao citado opúsculo. «Desejando ardentemente — escreve o autor — que o estudo do latim se reformasse entre nós, entendi que a primeira necessidade era a de dotar o país de urna gramática latina. Humilde e obscuro professor de um liceu português, segui o exemplo de nações bem mais adiantadas do que nós, de homens que muito se avantajam a mim em talento e saber. . . Se, portanto, também eu dei em português a Gramática do filólogo de Svaneke [J. N. Madvig] e mostrei a quão urgente necessidade vinha prover o meu trabalho, não se pode dizer senão que bem mereci do meu país.»

À afirmação de Alves de Sousa, de que reputava «defeito capitalissimo» a prática de não virem traduzidos os exemplos na Sintaxe da Gramática de Madvig, responde Epifânio: «E todavia seguida pelas boas gramáticas de além-Reno, tais como as nomeadas acima [Ellendt-Seyffert', Meiring, Zumpt] e não por Madvig somente. Justifica-a uma razão pedagógica de grande peso. Os exemplos tornam-se, por esta forma, outros tantos exercícios de tradução. E, tendo o aluno de vertê-los, é necessitado a demorar neles mais tempo a atenção, a analisá-los, a fazer ele próprio uma aplicação imediata da respectiva regra, adquirindo desta arte um conhecimento mais consciencioso, mais íntimo da mesma regra. O trabalho imposto ao estudante nada teve de custoso na primeira parte da Sintaxe, porque aí são breves frases de suma facilidade as que servem de confirmar as regras gerais \\_Arbor vir et ; Deus est auctor mundi; pater aegrotat; Caesar fuit magnus imperator^.

Quando, porém, se julga útil assinalar positivamente a diferença de construção entre o latim e a língua em que está escrita a Gramática, os exemplos, na íntegra ou na parte

necessária, acham-se vertidos, e às vezes com duas traduções, uma literal, outra corrente.» (1)

Mais dois passos do final do opúsculo mostrar-nos-ão o fim a que tendiam os esforços do abalizado latinista: «Em Portugal, segundo já disse nas primeiras páginas deste opúsculo, havia falta absoluta dos primeiros instrumentos necessários para se aprender a língua latina de um modo que não des-toasse inteiramente do estado actual da filologia clássica. Um, aquele cuja necessidade primeiro urgia, ministrei eu à nossa mocidade estudiosa, traduzindo a Gramática de Madvig.» (2) «Por uma lei providencial que a filosofia deduz e a história confirma, o bem conquista sempre no mundo a vitória última. Esta ideia confortadora inspira alentos aos que, afrontando-se com os preconceitos e com os interesses egoístas, forcejam por melhorar o estado das cousas. A ela hei-de eu dever o não descorçoar no meio dos meus trabalhos.» (3)

No primeiro dos opúsculos de ataque à reforma de Ensino Secundário de 1894-1895, insurge-se Epifânio, principalmente, contra a eliminação do Grego do quadro das disciplinas liceais e contra o estabelecimento do livro único.

A supressão do Grego mereceu-lhe, entre outras, estas considerações: «Que entre nós não pode actualmente constituir-se o ensino do Grego, de modo que ele corresponda aos fins mais levantados que a pedagogia lhe assina, é, parece-me, fora de contestação e porventura a razão principal está na falta de professores com as habilitações necessárias. Há ainda, porém, vantagens de segunda ordem, por amor das quais a lei devia conservar o ensino de uns rudimentos da língua grega, enquanto a mais não pode chegar-se, e declará-lo obrigatório nos cursos complementares, mas regulando-o convenientemente, mandando estudar só trechos de prosa fácil que ministrassem cópia suficiente de vocábulos e servissem de firmar na memória as principais regras de gramática.—..... Com um

(1) *Opúsc. cit.*, pág.17.

(2) *Opúsc. cit.*, pág.89.

(3) *Opúsc. cit.*, pág.90.

pequeno número de horas despendidas nos últimos anos do curso dos liceus, deixariam os médicos, ao verem pela primeira vez no índice de uma obra de medicina anunciada em uma revista um termo novo, de andar em cata de quem lhes explique o valor etimológico do termo.» (1)

Quanto ao livro único, os seguintes períodos compendiam o pensamento do autor, a tal respeito: «As consequências da adopção de um livro obrigatório, quer o Governo a decrete, conformando-se com o parecer de uma comissão, quer a decrete sem mais formalidades, de ciência certa e poder absoluto, apesar de se exporem em poucas palavras, são desastrosíssimas para a educação intelectual e moral. — A bondade do ensino, em todos os seus graus e classes, é função da organização dos estudos, dos professores e dos livros. Consequentemente, privar o professor da faculdade de servir-se, não dos livros que lhe parecerem mais apropriados, mas daqueles que a rotina, a insciência e, até, interesses ilegítimos lhe impuseram, é suprimir uma das condições necessárias da prosperidade da instrução. Sem a liberdade de que temos fruído, teria eu podido iniciar em Portugal a reforma do ensino da gramática latina? Os poucos professores oficiais que têm tido esforço para vencer a rotina poderiam coadjuvar-me no meu empenho, adoptando o meu epítome da Gramática Latina de Madvig?» (2)

De muito maior valor, pela extensão da crítica, é o segundo opúsculo de *Considerações*. Merecem a Epifânio fundamentados reparos e censuras, por vezes ásperas: o quadro das disciplinas; os programas, em cuja redacção também, até certa altura, colaborou, pois fora encarregado de organizar os de Latim, Inglês e Alemão; o excesso de *pensum* de cada um dos anos do curso; a falta de unificação dos programas e a falta de valor prático das instruções pedagógicas; os livros escolares oficiais, impostos a todos os liceus; etc.

Apenso a esse violento opúsculo de ataque à reforma do Ensino Secundário, apresentou Epifânio um *Quadro sinóptico*

( 1 ) *Considerações sobre a Ultima Proposta de Lei de Instrução Secundária*, págs. 9 e 10.

(2) *Ibid.*, pág. 28.

da distribuição horária, por anos ou classes, das matérias professadas obrigatoriamente nos Liceus Clássicos, acompanhado de uns esboços de programas —, segundo trabalho por ele elaborado, em Fevereiro de 1877, como resposta a um questionário oficial.

As disciplinas do *Liceu Clássico* seriam as seguintes :  
 a) — Línguas e Ciências — *Português* (1.º ano ao 7.º), num total de 24 horas; *Francês* (1.º ao 4.º), 21½ h. ; *Alemão* (3.º ao 7.º), 15½ h. ; *Latim* (3.º ao 7.º), 26½ h. ; *Grego* (4.º ao 7.º), 18 h. ; *Matemática* (1.º ao 7.º), 2172 h.; *Cosmografia* (7.º ano), i h. ; *Física, Química, História Natural e Higiene* (1.º ao 7.º), 17 h.; *Geografia e Cronologia* (1.º ao 3.º, 7.º), 7 h. ; *História* (2.º ao 7.º), 16 h. ; *Filosofia* (6.º e 7.º), 9 h.; *Direito Público e Administrativo* (7.º ano), 1 h. ; *Economia Política* (7.º ano), i h.—è DISCIPLINAS DE ARTE — *Desenho* (1.º ao 3.º; 7.º), 8 h.; *Canto* (1.º ao 3.º; 6.º e 7.º), 6 h.; *Ginástica* (1.º ao 7.º), 7 h.

O autor declara que os programas de Cálculo Infinitesimal e de Geometria Analítica e o de Desenho haviam sido elaborados pelo professor do Liceu do Porto, Moreira de Sousa, e o de Economia Política pelo professor da Academia Politécnica, Rodrigues de Freitas; e, no final, confessa que, se houvesse de apresentar, na altura da publicação do opúsculo (1897), o seu projecto de reforma, faria modificações: redução de cada tempo de aula a urna hora; menor extensão para o programa de Filosofia; estudo do Francês até o último ano; e inclusão do Inglês no quadro das disciplinas liceais.

Não deixaria de despertar interesse, para o mais perfeito conhecimento do tacto pedagógico do grande humanista, a transcrição, neste lugar, dos programas de Português, Latim e Grego, que figuram no «quadro sinóptico». Dado, porém, o demasiado espaço que ocupariam, limitar-nos-emos a afirmar que ficariam admiravelmente articulados entre si nos anos em que as três línguas se estudariam paralelamente, ou seja do 4.º ao 7.º ano.

E de notar a importância que o Mestre dava, no seu projecto de reforma, em 1877, ao *Canto*, à *Ginástica*, ao *Direito Público e Administrativo* e à *Economia Política*. *Nihil sub sole n oui !*

Pelo interesse que sempre mostrou pelos progressos do Ensino Secundário, bem podia este Professor envaidecer-se com os trabalhos que publicara, no intuito de contribuir para o levantamento do nível cultural dos Portugueses.

\*

#

#

As principais edições escolares de autores latinos, organizadas por Epifânio, foram o *Eutrópio* (1872), o *Sulpício* (1881), o *Fedro* (1883), a selecção das *Cartas de Cícero* (1888) e o *Cornélio* (1895).

Todos os textos são sábia e cuidadosamente anotados no fundo das páginas, e bastas vezes se fazem referências à Gramática Latina de Madvig. A justificação de tal prática encontra-se bem expressa no segundo dos opúsculos da crítica à reforma do Ensino Secundário de 1896. Diz aí Epifânio: — «Anteriormente, alguém havia dito, no Ministério do Reino, que a edição de Cornélio (bem como dos demais autores) não devia ser anotada e que, em particular, as minhas anotações eram até prejudiciais, por pertencerem muitas vezes ao género que entre nós tem o nome de «pai-velho», citando, para comprovação, a nota que pus ao primeiro verso das fábulas de Fedro [*Aesopus auctor quam materiam repperit*—traduz-se como se estivesse: *materiam, quam Aesopus auctor repperit*; Madvig, § 261, do Epitome]. Examinemos estes dois pontos. — Em pedagogia, como em tudo, às opiniões mais encontradas não têm falecido propugnadores. Entretanto o Sr. Fr. Müller diz : «Toda a gente, exceptuando acaso velhos e rabugentos filólogos ossificados, parecia de acordo em que deviam ordenar-se edições anotadas.» E, de feito, para falar só da Itália, este país está trabalhando indefessamente na publicação de edições anotadas, à maneira alemã, dos autores gregos e latinos, lidos nas escolas.—As anotações devem ter por fim principal ajudar o estudante a vencer as dificuldades que ele, por si só, ou de modo nenhum ou a muito custo superaria, ganhando assim aversão a percorrer um caminho em que sempre há escabrosidades. Que, feitas com este intuito, ainda assim as notas

deixam muito trabalho ao aluno e ao professor — só o desconhece quem nunca ensinou conscienciosamente latim ou grego, por não ter conhecimento suficiente destas línguas. Quando falto deste auxílio, o estudante trata de recorrer a meios menos legítimos, às traduções e aos *pais-velhos* («pontes dos asnos» lhes chamam os Alemães). Replicar-se-á que basta que o professor, preparando na aula a tradução dos alunos, dê previamente todos os esclarecimentos necessários. Mas o que é isto senão confessar a necessidade das anotações ? Só há uma diferença, e em desvantagem do ensino: perder-se tempo na aula e ser pior para os alunos lerem notas tomadas a lápis do que notas impressas.—Nas minhas anotações a Eutrópio, Fedro, Cornélio e cartas de Cícero, guiei-me pelos livros alemães, mas sem jamais perder de vista que fazia obra para escolas portuguesas.—.....— O carácter elementar de muitas das anotações do *Breuiarium* tem a sua explicação em este livro fazer as vezes, na tradição portuguesa, dos *Lesebücher* germânicos e ser necessário dar ocasionalmente as noções gramaticais que só depois serão aprendidas metodicamente. — No que respeita à nota que pus ao primeiro verso de Fedro, bastará dizer que segui o exemplo de anotadores alemães, italianos e gregos [Siebelis-Eckstein, Raschig-Richter ; Ramorino; M. Galane](1).

A frente do texto de EUTRÓPIO (1872), lê-se a seguinte *advertência*: — «Havendo nós publicado uma tradução da excelente Gramática Latina de Madvig, pareceu-nos acertado, para maior brevidade, quando fosse necessário citar regras de gramática, remeter o estudante para aquela obra, que vai designada com a letra M. O texto que reproduzimos é o dado por Dietsch na Bibliotheca Teubneriana.»

Texto e anotações, muito sóbrias, vão de págs. 5 a 107.

A edição de SULPICIO SEVERO (1881), com anotações semelhantes às de EUTRÓPIO, forma um volume de págs. I-IV e 1-121. E este o teor da *notícia bibliográfica*: «O que a história nos transmitiu acerca da vida do presbítero Sulpicio Severo, reduz-se a mui pouco. Nascido nas Gálias cerca do ano de 365, advo-

(1) *Opúsc. cit.*, págs. 85-88.

gado opulento de nobre linhagem, rendendo-se depois aos conselhos do bispo de Tours, Martinho, de quem era admirador entusiástico, abraçou o estado eclesiástico e, daí, deixando o século, passou a viver vida de eremita em um claustro da Aquitânia, vindo a falecer à volta do ano 425.—As obras que deste escritor chegaram até nós são: *a*) uma *Crónica* em dois livros; *b*) uma *Vida de S. Martinho*; *c*) três cartas; *d*) dois diálogos (menos exactamente contados como três nas edições vulgares). Com o nome de Sulpicio Severo correm ainda sete cartas, que são evidentemente apócrifas. — A *Crónica* é um resumo, superficial sim, mas tirado das melhores fontes, da história dos Hebreus, seguido de umas narrativas, em ordem cronológica, de história eclesiástica até ao ano de 400. O romance pio, intitulado «Vida de S. Martinho», os dois diálogos em louvor do mesmo Santo e as três cartas, que parecem um apêndice à vida do Santo ou prefácio aos diálogos, são um documento autêntico da espantosa credulidade e decadência intelectual daquela época. — O estilo de Sulpicio Severo é fluente e castigado, singelo na *Crónica*, um tanto loução na *Vida de S. Martinho* e nos diálogos; Sulpicio tomou por modelos Salústio e Tácito, e ainda Veleio Patérculo e Quinto Cúrcio; o latim, porém, dos seus opúsculos não está senão mui afeado de máculas próprias da época em que foram escritos.—A *Crónica* foi-nos conservada em um ms., assaz correcto, do século xi, o n.º 824 da Vaticana. Deste códice sem dúvida que dimanou a primeira edição da *Crónica*, feita em Basileia no ano de 1556 por Flácio Ilírico; das lições do mesmo códice aproveitou-se também Jerónimo do Prado para corrigir muitos passos do texto na sua edição das obras de Sulpicio Severo feita em Verona nos anos de 1741 a 1754; só, porém, desde 1866 é que, devido aos esforços de Carlos Halm, possuímos uma edição das obras do escritor gaulês, que responde de pleno às exigências da crítica moderna. O texto dado por este eminente crítico no primeiro volume do *Corpus scriptorum ecclesiasticorum Latinorum* de Viena é o que nós reproduzimos na presente edição; afastámo-nos dele unicamente nos lugares que vão indicados no fim do livro; demais, por ser o livro destinado às escolas, não nos pareceu desacertado preencher as lacunas que existem no livro 1, caps. 15, 18 e 22, e no

liv. ii, caps. 25 e 38, inserindo, escritos em itálico, no primeiro lugar e no segundo, o suplemento de J. do Prado, no terceiro o de Galesínio, no quarto e no quinto o de C. Halm.» (1)

Da *introdução* da edição de Fedro, de que nos não foi possível consultar nenhum exemplar da 1.<sup>a</sup> edição, vamos transcrever os períodos que possam elucidar o leitor acerca do escrúpulo com que Epifânio trabalhava. Socorremo-nos de um exemplar da 3.<sup>a</sup> edição (1889), cuja introdução é datada de Lisboa, Outubro de 1886. Depois de sumária notícia sobre a vida do fabulista e de o comparar com Esopo, o anotador fala-nos dos manuscritos sobre que se basearam os principais estudiosos e depois escreve: «A primeira edição crítica de Fedro foi feita por Orelli na quarta década do século actual. Depois apareceram as revisões de Dressier, Eyssenhardt e Luciano Mueller. O texto dado por este último crítico alemão na Bibliotheca Teubneriana foi o que nós reproduzimos, adoptando, porém, do texto que ele apresentou na edição de 1877, as lições que vão adiante indicadas, e pondo também entre parênteses quadrados os títulos das fábulas.» Fala a seguir das modificações vocabulares que fez, indica quais as fábulas que suprimiu «por menos convenientes para a leitura nas escolas», e acrescenta: «No que respeita às anotações, utilizámo-nos dos trabalhos de Siebelis-Eckstein e Raschig-Richter, observando o mesmo método que seguimos em a nossa edição de *Eutrópio*. A letra M designa a Gramática Latina de Madvig: os números dos §§ que vão fora de parênteses referem-se à edição desta obra, por nós reduzida a epítome; os que vão dentro de parênteses referem-se à edição da obra inteira, por nós trasladada a português.»

(1) O uso de Sulpício Severo, Eutrópio e Cornélio, como textos das aulas de Latim, vinha de longe. *NAs Pupilas do Senhor Reitor* (1867), dizia o padre a José das Dornas, para mostrar os progressos de Daniel naquela língua: «O *Sulpício*, para ele, é já como água de unto. Qualquer dia passo-o para o *Eutrópio*, e dentro em pouco para o *Cornélio*.» No 1.º ano de Latim da reforma de 1880 (3.º ano dos liceus), eram estes os autores do programa; no da reforma de 1886, Eutrópio e Fedro.

O resto da *introdução* trata da métrica das fábulas.

As anotações, mais numerosas que as de Eutrópio e Sulpício, devem ocupar, na totalidade da composição, cerca de metade do espaço (págs. 11 a 141 da 3.<sup>a</sup> edição).

Cartas Selectas de Cícero — Aqui reproduzimos a primeira parte da *introdução* (Julho, 1888): «O epistolário de Cícero, tal como chegou aos nossos dias, compreende: *Epistularum ad familiares libri xvi*; *Epistularum ad Quintum fratrem libri III*, *Epist. ad Atticum libri xvi*, *Epist. ad M. Brutum libri II*, *Epistula ad Octavianum*.

A carta de Octaviano é, segundo a crítica demonstrou, apócrifa; também a autenticidade das cartas a M. Bruto é mais que duvidosa. As restantes cartas são incontestavelmente autênticas. As colecções das cartas a Ático e a Quinto é de crer que já na antiguidade corressem na forma que têm actualmente; é, porém, de todo ponto incerto como foi formada a colecção das cartas ditas nos tempos modernos *ad familiares* ou *ad diuersos*; todavia, havemos por assaz fundado o parecer daqueles filólogos que a julgam devida às diligências de Tirão, o conhecido escravo de Cícero.—Na escolha das cartas que anotámos, postas em ordem cronológica, tivemos principalmente em mira, nas condições impostas pelo estado da instrução secundária em Portugal, que esta leitura contribuísse para a compreensão, já da história romana do período a que pertence a correspondência de Cícero, já do carácter pessoal do grande escritor romano. Seguimos o texto dado por Wesenberg, afastando-nos só nos lugares que vão adiante apontados. Nas anotações, aproveitámos largamente os trabalhos escolares de Hofmann, Andresen e Frey. A letra M designa a Gramática Latina de Madvig: os números de §§ que vão fora de parênteses referem-se à edição desta obra, por nós reduzida a epitome; os que vão dentro de parênteses referem-se à edição da obra inteira, por nós trasladada a português. No tocante a notícias arqueológicas, remetemos bastas vezes o estudante curioso para a obra de Ramsay *An Elementary Manual of Roman Antiquities*, que brevemente sairá a lume, posta em vulgar por um esclarecido oficial do exército e nosso amigo.»

E a introdução termina com a relação dos lugares em que o texto diverge do da edição de Wesenberg, que atrás fora citada.

O compêndio tem 118 páginas, e as anotações devem ocupar metade do espaço da composição.

CORNELIUS NEPOS — A *introdução* deste volume, datada de Fevereiro de 1895, é do teor seguinte: «Cornelio Nepos nasceu na Gália Transpadana, nas vizinhanças do Pó, e foi contemporâneo e amigo de Catulo, Cícero e Atico. Dos seus trabalhos literários só chegou aos nossos dias, além de uns pequenos fragmentos, o livro *De excellentibus ducibus exterarum gentium*, que fazia parte da sua vasta obra de vulgarização histórica intitulada *De uiris illustribus*, e, do livro *De historicis Latinis* também pertencente à mesma obra, a biografia de Catão, o Antigo, e a de Ático. O estilo de Nepos é simples, sem deixar de ser elegante, e a sua latinidade digna da época em que ele floresceu, conquanto ocorram aqui e além já construções, já significações que no tempo do autor só se conservavam ainda na linguagem familiar.—O texto que apresentamos é o da nona edição de Nipperdey-Lupus, desviando-nos dele nos lugares adiante apontados e omitindo cinco passos, por menos convenientes para a leitura nas escolas [*Prefácio, na vida de Pausanias, na vida de Alcibiades, na de Dion e na de Amílcar*] — Quanto às anotações, utilizámo-nos dos trabalhos de Bremi, Nipperdey-Lupus e Siebelis-Jancovius e tivemos cuidado de pôr as significações que não vêm no *Parvum Lexicon* de Fonseca. Seguindo o exemplo do professor alemão W. Martens, não nos fizemos cargo de indicar, salvo no primeiro capítulo da Vida de Milcíades, as numerosas inexactidões históricas de Nepos. Da mesma maneira que nas demais edições nossas de autores latinos para uso das escolas, a letra M...» Etc., etc. Depois de uma página em branco, as quatro seguintes são ocupadas pela «Relação dos lugares em que o texto da presente edição difere do da nona edição de Nipperdey-Lupus». Texto e notas ocupam 197 páginas.



Ponto de parte vários artigos que Epifânio escreveu sobre textos portugueses antigos e mais algumas manifestações da actividade do filólogo e do professor, referir-nos-emos ainda às modelares edições críticas que atrás enumerámos.

A esse respeito afirmou Leite de Vasconcelos: «O manuseamento das belas edições alemãs de textos latinos e gregos, que o Sr. Epifânio quotidianamente lia, levou-o a aplicar ao português trabalho análogo de expungir erros de textos impressos, dando deles edições críticas, ou corrigindo-os em revistas. Além disso, a familiaridade que, por causa de colher elementos e exemplos para a projectada Gramática Histórica, entabulou com os clássicos e os autores anteriores, levou-o a amar a nossa antiga literatura e a querer torná-la mais entendida do público. Trouxe assim a lume em 18g3 as *Obras de Cristóvão Falcão*, em 1g05 o *Esmeraldo de Situ Orbis...*, em 1910 *Os Lusíadas...* » (1).

Pertencem à introdução do *Esmeraldo* estas palavras : «Andando a trabalhar em uma edição anotada de *Os Lusíadas* [1g05], procuro ler as obras que suponho poderem servir por algum modo ao meu intento. Neste número entrou o *Esmeraldo*. Percorrido rapidamente o livro, vim a reconhecer que uma edição crítica desta obra estava ainda por fazer. Lembrou-me então que prestaria serviço às letras, se tomasse sobre mim este cargo. O conselho de alguns amigos acabou de resolver-me. O códice da Biblioteca de Évora e o da de Lisboa divergem um do outro; todavia, tudo bem ponderado, o primeiro leva alguma vantagem ao segundo, e em particular não abunda tanto em saltos de palavras e de linhas inteiras. Foi por isso o que segui nesta publicação. No aparato crítico, assinalo as diferenças que há entre o texto da presente edição e os dos códices de Évora e Lisboa; mas tive por desneces-

(1) *Ob. cit.*, pág. 29.

sário consignar as diferenças meramente ortográficas que apresenta o códice lisbonense.» (1)

Quanto à edição anotada de *Os Lusíadas*, notabilíssimo monumento de erudição, estamos que ainda hoje têm actualidade estas afirmações de Leite de Vasconcelos:

«A crítica poderá descobrir nesta, como em todas as obras humanas, alguns senões; mas quando virá outra edição que derrube o glorioso monumento levantado a Camões pelo Sr. Epifânio?» (2)

Epifânio Dias continua, pois, a ser, apesar de notáveis trabalhos modernos, Mestre de mestres.

## II

A despeito de nos termos ligado pela mais sólida e leal amizade a Júlio Armando Moreira, filho do notável filólogo e humanista portuense, geralmente conhecido por *Júlio Moreira*, e de muitas vezes, ainda em vida deste, haveremos entrado em sua casa, nos anos lectivos de 1908-1909 e 1909-1910, em que estudámos no Porto —, nunca o vimos. Conhecíamos-lhe então as obras, mais pelo que a seu respeito ouvíamos ao filho — a mais robusta inteligência que nos foi dado conhecer durante a nossa vida académica —, do que pelo manuseamento dos trabalhos desse Mestre.

Depois da sua morte, em 1911, já fora do Porto, continuámos a privar com o filho, a estreitar, mais e mais, os laços dessa amizade, contraída no tempo da nossa bela camaradagem do Liceu de Alexandre Herculano, que ambos frequentáramos; fomos seu amigo íntimo, dos pouquíssimos que ele recebia nos últimos tempos da sua vida; quase lhe assistimos aos derradeiros momentos nesse terrível dia 4 de Agosto de 1926, em que o desespero o levou ao suicídio. Antes de pôr termo à existência — tinha apenas 36 anos! —, determinou que da sua livraria, constituída pelos volumes que ele próprio adquirira desde 1911 a 1926 e pelos que restavam da livraria de seu pai,

(1) *Esmeraldo*, págs. 9-10.

(2) *Ob. cit.*, pág. 31.

nos fossem entregues os que nós desejassemos possuir. Assim se explica que bastantes volumes do grande filólogo e professor Júlio Moreira sejam hoje pertença da pessoa que traça estas linhas e que o não faz sem comoção, ao ter de recordar o nome do tão culto quanto infausto moço, que do seu talento e saber só pôde deixar, e ainda assim por instigação nossa, uma pálida amostra no trabalho que, sob o pseudónimo de *Carlos Duarte*, publicou em 1923 com o título de *A Graça Portuguesa* (1).

Acerca da actividade literária e profissional de Júlio Moreira traçou o Dr. Leite de Vasconcelos a prefacção que se lê à frente do 2.º vol. dos *Estudos da Língua Portuguesa* daquele autor. Nela nos diz que Júlio Moreira, natural do Porto, onde nasceu no dia 25 de Julho de 1854 e <sup>o</sup>de faleceu em 23 de Outubro de 1911, foi um autodidacta, sempre insatisfeito; que, além do alemão e das principais línguas românicas, estudou o inglês, o latim e o grego; que em 1871 se consagrou ao ensino, ora particularmente, em sua casa e em colégios, ora oficialmente, mas durante pouco tempo, como professor provisório do Liceu do Porto, ensinando Latim, Grego, Alemão, Inglês, Francês, Literatura Portuguesa, História e Filosofia (2).

Assim, portanto, foi um ilustre e íntimo amigo de Júlio Moreira quem se encarregou de lhe traçar a biografia e de coligir em volume vários dos trabalhos que acerca da língua portuguesa publicara em jornais e revistas; e é um amigo íntimo do filho, e antigo aluno do preclaro biógrafo, a pessoa a quem se deu a incumbência de neste lugar se referir aos trabalhos didácticos latinos do mesmo humanista e professor portuense.

As obras de Júlio Moreira são:

1876,— *Commentarii de bello Gallico*, 1. 1. [Vol. depois acrescentado com o 1. 11; última edição (4.ª), 1903.]

(1) Edição da Livraria Clássica Editora, Lisboa.

(2) Desta prefacção saiu separata, de que possuímos um exemplar, com dedicatória do punho de Leite de Vasconcelos ao filho do biografado.

Assim é designado por L. de Vasconcelos este trabalho. A 4.<sup>a</sup> edição, porém, única que conhecemos e possuímos, é assim intitulada: «C. Júlio César — Campanhas das Gálias — Texto latino anofado.»

880—GRAMÁTICA DA LÍNGUA INGLESA. [3.<sup>a</sup> ed., 1891 ; 6.<sup>a</sup>, 1907.]

A 6.<sup>a</sup> edição é por L. de Vasconcelos declarada *última*, mas na lista das obras de J. Moreira, que se lê *à frente* da 2.<sup>a</sup> edição dos *Estudos da Língua Portuguesa* (vol. 1, 1922), inclui-se uma 8.<sup>a</sup> edição desta gramática.

No prefácio da 1.<sup>a</sup> edição (Porto, Outubro de 1880), o autor, depois de mostrar ao leitor a orientação seguida, escreve: — «Importa agora declarar que o presente livro, além de conter o resultado de largos anos de estudo feito com a leitura atenta dos clássicos e nos trabalhos dos gramáticos ingleses, principalmente de Murray, Lowth, Taylor e Crombie, consigna ainda grande número de factos gramaticais de alta importância com que pudemos enriquecê-lo pelo estudo reflectido de algumas obras alemãs de subido valor sobre a língua inglesa, como, entre outras, a *Grammatik der englischen Sprache* de Wagner, a *Englische Grammatik* de Bernhard Schmitz, *Die englische Aussprach nach Sheridan, Walker, Knowles und Smart* do mesmo autor, e sobretudo a *Englische Grammatik* de Edward Mätzner.»

882 — CORNELIUS NEPOS. [Sem data. Supôs Leite de Vasconcelos que tivesse sido publicada em 1883, mas, na introdução das Obras de Virgílio, o organizador refere-se à edição de c. Nepos, «*dada por nós a lume em 1882*»; 2.<sup>a</sup> edição, 1887; 4.<sup>a</sup> e última, 1896.]

Trabalho dedicado ao notável professor de Matemática da Academia Politécnica do Porto, Joaquim de Azevedo Sousa Vieira da Silva Albuquerque, «em testemunho de muito affecto e reconhecimento».

1885 — P. VERGILII MARONIS OPERA. Obras de Virgílio, anotadas. Lisboa (i).

1907 — ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA — *Primeira Série — Subsídios para a Sintaxe Histórica e Popular*. [2.<sup>a</sup> edição, póstuma, 1922, Lisboa.]

1913 — ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA, VOL. 11, Lisboa. Obra póstuma, à frente da qual figura a prefação de Leite de Vasconcelos a que atrás nos referimos.

Neste volume, recolheu aquele professor os artigos publicados em revistas depois do aparecimento do vol. 1, ou que nele deixaram de ser incluídos (2).

\*

# .\*

Nas três edições latinas dadas a lume, mostrou Júlio Moreira quanto estava a par dos progressos da ciência filológica e com que entusiasmo seguia as pisadas de Epifânio Dias, anotando meticolosamente os autores publicados e fazendo constantes chamadas à Gramática Latina de Madvig, publicada por aquele doutíssimo professor (3).

(1) Na 3.<sup>a</sup> edição da *Gramática Inglesa* (1891) e na 4.<sup>a</sup> do *Cornélio* (1896), são anunciadas, como «a entrar no prelo», as «Obras de Quinto Horácio Flaco, anotadas»; mas nem esse trabalho nem a «Gramática da Língua Latina», anunciada naquela edição do *Cornélio*, chegaram a ser dados a público.

(2) Das separatas que foram tiradas na primeira publicação dos artigos, possuímos as seguintes:

*Palavra que tem de eliminar-se dos dicionários*, 3 págs. (*Revista Lusitana*, iv, 1896); *O vocábulo «ledino» e os cantos «de ledino»*. 3 págs. (*Revista Lusitana*, v, 1897-1899); *Alguns vocábulos e costumes da região vinícola duriense*, 6 págs. [...?]; *Factos de sintaxe do português popular* (1-m), 10 págs. (*Revue Hispanique*, tome xiii, 1905); *id.* (iv-viii), 12 págs. (*Revue Hispanique*, tome xiv, 1906); *id.* (ix-xv), 15 págs. (*Revue Hispanique*, tome xvi, 1907); *Lugares, da literatura portuguesa ainda não explicados*, 9 págs. (*Revue Hispanique*, tome xv, 1906).

(3) Em geral, as edições escolares italianas e francesas publicadas na época da actividade docente de J. Moreira e Epifânio Dias fundamentavam-se também em trabalhos alemães. [*César*, por F. Ramorino. iSgo; *César*,

Detenhamo-nos algum tempo com cada um dos citados trabalhos :

CAMPANHAS DAS GÁLIAS, de César. — E muito elucidativo o prefácio que acompanha a 4.<sup>a</sup> edição (Porto, 1903), do teor seguinte: — «Para a constituição do texto desta quarta edição aproveitaram-se os trabalhos críticos publicados depois do aparecimento das anteriores, a primeira das quais data de 1876. Desses trabalhos resultou uma nova orientação relativamente ao texto de César. Costumavam dividir-se em três famílias ou classes os manuscritos das obras deste autor, compreendendo a primeira apenas os códices do *De bello Gallico*. A segunda e terceira famílias contêm todas as obras de César e ainda algumas que lhe foram indevidamente atribuídas. Mas entre os textos destas duas séries de códices há diferenças consideráveis, sendo o da terceira família quase idêntico ao da primeira. Supôs-se que só os códices da 1.<sup>a</sup> classe representavam a tradição genuína, e que os das outras não passavam de um texto interpolado com emendas ou glosas de gramáticos. — Nipperdey foi levado a esta conclusão, ao notar que o que principalmente caracterizava o texto da primeira família era faltarem-lhe palavras e expressões que se encontravam no da segunda e que lhe pareciam desnecessárias. Por essa razão, deu aos códices da 1.<sup>a</sup> família a designação de *integri*, aos da 2.<sup>a</sup> a de *interpolati* e aos da 3.<sup>a</sup>, como resultantes das duas primeiras séries, a de *mixti*. Tomou, portanto, para base do seu texto os códices da 1.<sup>a</sup> família. Este critério foi depois seguido pelos outros editores. Hoje, porém, em consequência de importantes estudos críticos [Heller, R. Schneider e Meusel], reconhece-se que os códices da segunda classe dão muitas vezes a verdadeira lição, que tem, portanto, de ser adoptada. Em virtude disso, admitimos 110 texto da presente edição diferentes variantes desses códices havidos por secundários e indicamos em notas outras que parecem plausíveis, mas que não nos

por Ch. Lebaigne, 1885 ; edições da casa Hachette: *Virgílio*, 1873; *T. Lívio*, 1881 ; *Salústio*, 1888; *Q. Cúrcio*, antes de 1891; etc.] Conhecemos, porém, duas edições francesas, anotadas, cujos organizadores nenhuma referencia faziam à ciência alemã : *Salústio* (P. Croiset), 1872 ; *Horácio* (W. Rinn), 1882.

afoutámos a introduzir no texto. — O comentário também foi corrigido e ampliado. Para ele aproveitámos todos os trabalhos importantes, entre os quais citaremos as edições de Kranner-Dittenberger, de Doberenz-Dinter, de A. G. Peskett, de F. Ramorino e de Benoist et Dosson; e os léxicos de R. Menge e S. Preuss e de H. Meusel. Mencionaremos ainda: *Caesars Gallischer Krieg*, de Göler, *La Gaule Romaine*, de Fustel de Coulanges, *Die bei C. I. Caesar vorkommenden keltischen Namen*, de Glück, *Les noms gaulois chez César et Hirtius*, de H. d'Arbois de Jubainville, etc. — Quanto a observações gramaticais, diremos que, para não avolumarmos em demasia as proporções do livro, remetemos frequentemente o leitor para a tradução portuguesa da Gramática Latina de Madvig. Os números que vão fora de parênteses referem-se aos parágrafos da Gramática Latina do mesmo autor, reduzida a epítome pelo tradutor português, o ilustre filólogo Sr. Epifânio Dias.»

O texto desses dois primeiros livros de César ocupa 104 páginas, e o espaço dedicado às notas tem extensão pouco inferior ao do original latino.

CORNELIUS NEPOS. — A *introdução* estampada à frente da 2.<sup>a</sup> edição, que também figura na 4.<sup>a</sup>, dá-nos conta do que então se sabia do autor, do seu carácter, da sua obra, das fontes de que se serviu para a elaboração do seu trabalho, das inexactidões e erros históricos de Nepos, etc. As últimas palavras do anotador pertencem as seguintes: — «Para as anotações aproveitámos principalmente os notáveis trabalhos de Siebelis e Nipperdey, e a obra de Lupus, *Der Sprachgebrauch des Cornelius Nepos*. » Depois de se referir às frequentes remissões que, a propósito das observações gramaticais, faz à Gramática de Madvig, conclui: «Este método, que já adoptamos desde 1876, ao começarmos a publicar a nossa edição anotada dos *Comentários* de César, que empregámos na edição dos poemas de Virgílio e que seguimos ainda na edição completa, que vamos publicar, das Obras de Horácio (1), é, na nossa opinião, da maior importância sob o ponto de vista pedagógico, porquanto

(1) Gomo se disse atrás, nunca chegou a ser publicada.

facilita ao aluno o estudo da gramática, ao mesmo tempo que auxilia o professor no ensino dela, apontando-lhe muitas regras sobre que pode interrogar o discípulo e cuja aplicação este encontra na passagem que vai traduzindo.»

As notas, bastante numerosas, ocupam com o texto 188 páginas. —E de notar que, tendo Júlio Moreira publicado em 1882 a sua excelente edição de Cornélio Nepos, viesse também a aparecer uma de Epifânio, quando do trabalho do filólogo portuense foram saindo várias edições, a última das quais, como vimos, em 1896.

**OBRAS DE VIRGÍLIO.** —Desta edição escolar, decerto a melhor do notável professor e filólogo, possuímos o exemplar de seu uso, encadernado, com folhas de papel branco intercaladas, uma a uma, entre as páginas do texto. As erratas que escaparam acham-se todas emendadas pelo punho do organizador, a tinta e algumas a lápis; mas raras são as páginas de papel em branco em que Júlio Moreira alguma coisa tenha escrito: apenas três observações a passos do l. 11 de *As Geórgicas* [versos 133, 277 e 448] e duas a passos do l. ui [versos 341 e 518].

Na *introdução* de que fez acompanhar o texto, fala-nos Júlio Moreira da vida de Virgílio; das obras que dele chegaram até nós, incluindo as que têm sido apontadas como apócrifas; dos trabalhos críticos publicados antes de 1885, ano da edição; e, para mostrar a que autoridades recorrera para a elaboração do notabilíssimo trabalho, informa: — «Para o comentário desta edição foram aproveitadas as edições mais autorizadas e as de maior valia. Entre elas avultam as de Heyne, Wagner, Forbiger, Ladewig, Haupt, Kappes, Conington, Benoist. Demais, servimo-nos ainda de muitos outros trabalhos que mais ou menos podiam contribuir para tornar mais aproveitável a presente edição, tais como Schaper, *De Georgicis a Vergilio emendatis*; E. Glaser, *Publius Vergilius Maro als Natur dichter und Theist*; Johann Kvicala, *Neue Beiträge zur Erklärung der Aeneis, nebst mehereren Exkursen und Abhandlungen* (1); Wagner, *Quaestiones Ver-*

(!) O exemplar tem nesta altura a seguinte anotação, escrita a tinta por J. Moreira: «Cf. *Revue Critique* de 13 de Julho de 1885.»

*gilianaes*, etc. — Quanto às observações gramaticais, que são na nossa edição tão frequentes, que difficilmente se acharão em mais subido número em qualquer das mais completas de Virgílio, seguindo o processo que adoptámos já em 1876, ao principiarmos a publicar a nossa edição anotada dos *Comentários* de César, e de que nos servimos ainda na edição de Cornélio Nepos, dada por nós a lume em 1882, remetemos quase sempre o leitor para a tradução portugueza da Gramática Latina de Madvig... » Etc.

Texto e notas, estas compostas a duas colunas, occupam 588 páginas.

\*

# #

Pelo que deixamos escrito, vé-se quão notabilissima foi a acção que estes dois portuguezes illustres desenvolveram a bem do seu país, quer prestigiando-o como professores, quer dotando o ensino com admiráveis instrumentos de trabalho — livros de estudo, gramáticas e edições anotadas de autores latinos, das melhores que se têm publicado entre nós. Para que já fosse grande a sua glória, não seria necessário que o mais velho deles, Epifânio, seguindo o exemplo de Carolina Michaelis, presenteara a cultura nacional com óptimas edições críticas de obras fundamentais da nossa literatura (Cristóvão Falcão, Camões), nem que Júlio Moreira se desse a resolver, e de modo definitivo, em revistas e jornais, muitos dos problemas da língua nacional.

O falecido jornalista e panfletário Pádua Correia, referindo-se, num dos números do seu *Pão Nosso* (1), ao Ensino Secundário dos seus tempos de rapaz, citou, com admiração, entre outros, estes dois mestres: no ensino official (Liceu do Porto), *Epifânio*; no ensino particular, *Júlio Moreira*.

A acção destes homens foi, com efeito, paralela, coordenada, e, por isso, altamente benéfica. Viveram eles numa

(1) Publicação, de carácter polemístico, que saiu no Porto, de 13 de Abril a 28 de Setembro (23 números).

época em que ainda se acarinhavam os estudos clássicos. Hoje, à vista das tendências em contrário, só nos resta fazer votos por que nova época surja em breve, capaz de provocar o aparecimento de novos Epifânios e Julios Moreiras.

Temos muita confiança na gente moça que se está dedicando, a exemplo do que se faz lá fora, aos estudos que notabilizaram professores portugueses daquela estirpe. Está nela a esperança dos que, cientistas e não cientistas, teimam em considerar a cultura humanística, apesar da numerosa falange dos seus inimigos, como a principal e verdadeira cultura.

Aveiro, Fevereiro-Março de 1948.

JOSÉ PEREIRA TAVARES